

DESVELAMENTO DO RITUAL: UMA “ALEGRIA DIFÍCIL”.

Ms. Weslei Ribeiro da Cunha (UFC)

Resumo:

Na esfera de sua produção artística, ao escrever *A paixão segundo G.H.*, verifica-se, nesta obra, o sofrido resultado das indagações pessoais de Clarice Lispector com relação ao contraste entre transcendência e imanência, pois G.H. vislumbra, da existência, a autenticidade. Nesse trabalho com a linguagem, podemos perceber um tom, um ethos da escritura clariceana, uma escrita de si que a engaja e individualiza como uma significativa voz em nossa Literatura. Nesse sentido, há um Valor inerente à forma literária, através da qual “grandes temas verbais da existência” são escritos, sob uma “dimensão vertical e solitária do pensamento”, conforme pensa Roland Barthes (2004). Verifica-se, pois, na poética clariceana, um estilo inconfundível de escrita, cuja fisionomia pode ser percebida pela forma com que a escritora apreende a perplexidade do contexto de “crise dos fundamentos da vida humana”, conforme o entende Eric Hobsbawn, no “Breve século XX”, processo que resulta de sua formação literária e cultural, sobretudo no que concerne à apropriação e transformação de leituras realizadas por ela, e que se insinuam em *A paixão segundo G.H.*. Neste romance, a experiência-limite vivenciada pela protagonista, ao degustar da massa branca do interior da barata, possibilita-nos uma reflexão existencial, decorrente do abalo sofrido pela condição humana, nesse conturbado contexto, por intermédio de uma linguagem instigante, tecida de forma paradoxal e transgressora, no embate das convenções sociais e morais. Sob o recurso estilístico da paródia, a paixão de G.H. e a paixão da narrativa contrastam com a perspectiva transcendental da paixão de Cristo, uma vez que tanto G.H. quanto a narração percorrem um caminho penoso: G.H. enfrenta o desvelamento de sua máscara, após desiludir-se das convenções, antes aceitas como verdades inquestionáveis; enquanto que a narrativa, com o seu fracasso, desencadeia-se no “malogro da voz”, almejando o indizível. Como uma perspectiva imanente da paixão, o livro de G.H. aponta-nos a nossa condição como a única possível, “já que ela é o que existe, e não outra” (LISPECTOR: 1998, p. 175). A escrita desta única paixão possível, a nossa condição, faz-se um rito em seu próprio sofrimento de fazer-se e desfazer-se; ritual da memória de nós, de quem somos. Este trabalho integra a pesquisa “Histórias de Leitura: Cânones e Bibliotecas Pessoais”, da qual resulta também a Dissertação de Mestrado intitulada *Uma “alegria difícil”: A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector (2009)*, sob a Coordenação da Prof^a. Dr^a. Odalice de Castro Silva, do Programa de Pós-Graduação em Letras – Literatura Comparada, da Universidade Federal do Ceará.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Roland Barthes, escritura, fracasso da linguagem.

DESVELAMENTO DO RITUAL: UMA “ALEGRIA DIFÍCIL”.

O único destino com que nascemos é o do ritual. Eu chamava ‘máscara’ de mentira, e não era: era a essencial máscara da solenidade. Teríamos de pôr máscaras de ritual para nos amarmos (...). Pelo pecado original, nós perdemos a nossa máscara. (LISPECTOR:1998, p.116)

Na esfera de sua produção artística, ao escrever *A paixão segundo G.H.*, verifica-se, nesta obra, o sofrido resultado das indagações pessoais de Clarice Lispector com relação ao contraste entre transcendência e imanência, pois G.H. vislumbra, da existência, a autenticidade. Nesse trabalho com a linguagem, podemos perceber um tom, um etos da escritura clariceana, que a engaja e individualiza como uma significativa voz em nossa Literatura. Nesse sentido, há um Valor inerente à forma literária, através da qual “grandes temas verbais da existência” são escritos, sob uma “dimensão vertical e solitária do pensamento”, conforme pensa Roland Barthes (2004, p.10-11):

Seja qual for seu refinamento, o estilo tem sempre algo de bruto: ele é uma forma sem destino, é o produto de um surto, não de uma intenção, é como uma dimensão vertical e solitária do pensamento. Suas referências estão no nível de uma biologia ou de um passado, não de uma História: ele é a “coisa” do escritor, seu esplendor e sua prisão, é a sua solidão. Indiferente e transparente à sociedade, andamento fechado da pessoa, não é de modo algum produto de uma escolha, de uma reflexão sobre a Literatura. É a parte privada do ritual, ergue-se a partir das profundezas míticas do escritor, e se expande para fora de sua responsabilidade. É a voz decorativa de uma carne desconhecida e secreta; funciona à maneira de uma Necessidade, como se, nessa espécie de surto floral, o estilo não fosse senão o termo de uma metamorfose cega e obstinada, provinda de uma infra-linguagem que se elabora no limite da carne e do mundo. O estilo é propriamente um fenômeno de ordem germinativa, é a transmutação de um Humor.

Na “Dedicatória do autor (Na verdade Clarice Lispector)”, em *A hora da estrela*, a escritora desenvolve uma reflexão acerca desse “fenômeno de ordem germinativa”, dedicando “esta coisa”, como se refere a escritora, a ilustres músicos, como Schumann, Beethoven, Bach, Chopin, Stravinsky, Strauss, Debussy, Marcos Nobre, Prokofiev, Carl Orff, Schönberg, aos dodecafônicos, assim como a endereça aos gnomos, anões, sílfides, às ninfas que lhe habitam a vida e aos gritos rascantes dos eletrônicos. Em consonância com o que pensa Roland Barthes, a escritora apresenta-nos, numa “espécie de surto floral”, referências que nela “atingiram zonas assustadoramente inesperadas”, e que lhe vaticinaram a ponto de explodir no eu autoral, enviesado:

Esse eu é vós pois não agüento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé, tão tonto que sou, eu enviesado, enfim que é que há de fazer senão meditar para cair naquele vazio pleno que só se atinge com a meditação. Meditar não precisa de ter resultados: a meditação pode ter como fim apenas ela mesma. Eu medito sem palavras e sobre o nada. O que me atrapalha a vida é escrever (LISPECTOR: 1998, p. 9-10)

Em *A paixão segundo G.H.*, esse eu enviesado, que resulta dessa “parte privada do ritual da escrita”, pela primeira vez, dirige-se a “possíveis leitores”, em sua produção literária. Com isso, Clarice Lispector enfatiza a “alegria difícil”, a “agônica travessia”, o caráter místico, o essencial, os quais se erguem de suas “profundezas míticas”, “de uma metamorfose cega e obstinada, provinda de uma infra-linguagem”, como destacamos a partir de Roland Barthes. Para tanto, a escritora desenvolve essa reflexão à semelhança, ainda que ao revés, de experiências religiosas do Cristianismo, sob o lastro bíblico. Dessa forma, sob tom provocativo, a escritora adverte:

Este livro é um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aqueles que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente – atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar. Aquelas pessoas que, só elas, entenderão bem devagar que este livro nada tira de ninguém. A mim, por exemplo, o personagem G.H. foi dando pouco a pouco uma alegria difícil; mas chama-se alegria. (LISPECTOR: 1998, p.7)

O fato de Clarice Lispector utilizar-se de uma voz autoral e destacar a característica do público leitor, “de alma já formada”, para enfrentar o oposto, o subvertido, oferece-nos uma “chave” importante, pois podemos constatar que se trata de um texto-enigma, um texto-labiríntico de “penosa travessia”, que requer mais sensibilidade que racionalidade. Nesse sentido, podemos observar que a escritura clariceana, na perspectiva barthesiana, exerce a função de relacionar criação literária à sociedade, ao captar, em sua intenção humana, dimensões profundas e misteriosas da condição humana, “atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar”, ligadas, pois, à conturbada realidade histórica da escritora. Dessa forma, essa provocação inicial constitui um desafio para que o leitor saia da passividade e caminhe junto com a personagem, ao longo de sua difícil travessia, a qual nos possibilita enxergar além do convencional.

A leitura de *A paixão segundo G.H.* exige do leitor perspicaz aproximação, pois G.H. enfrenta uma travessia penosa, ela angustia-se por ter conhecido outra possibilidade de leitura do mundo, sob o choque da consciência do que atravessou, e, com isso, podemos verificar mais uma vez a utilização do recurso estilístico da paródia, ao subverter a experiência de Adão e Eva, ao provarem do fruto da “árvore do conhecimento”, cometendo o pecado original. Por conseguinte, a “máscara” da narradora-personagem desvela-se, ela almeja, com isso, uma nova verdade, uma “terceira perna”.

A desagregação do seu habitual cotidiano surge do confronto de G.H. com a barata. Tomada pelo nojo, vê-se imbuída de um processo de revelação, de angústia, de medo, que a leva a romper com o sistema das relações humanas nas quais vive. Assim, ao desautomatizar valores instituídos e a própria linguagem, podemos inferir a reconfiguração de sua concepção de mundo com o processo de desleitura da tessitura bíblica. G.H. vislumbra a possibilidade do reino dos céus sobre a terra, como afirma Benedito Nunes (1989, p.69):

Na visão imanentista que a narradora, numa experiência agônica, sobre põe penosamente ao salvacionismo cristão mais reinterpretado do que anulado, Deus e o homem situar-se-iam num mesmo plano ontológico, considerando-se embora a carência do último, já com sentimento trágico, posto que a ação providencial e a transcendência

de Deus foram substituídos respectivamente pela existência substantiva pura e pela atualidade do ser. Desapareceria, conseqüentemente, com o laço da promessa, a projeção da esperança que perfaz a temporalidade do cristão. Porque Deus não promete. Ele é muito maior que isso: Ele é e nunca pára de ser.

Para Benedito Nunes, a experiência imanentista de G.H. “da assimilação da matéria viva com a vida divina”, representa “a negação da idéia de Deus enquanto ser pessoal, providencial e transcendente” (NUNES: 1989, p. 68), uma sofrida conquista de G.H., iniciada após se vê “na nudez neutra da mulher na parede”, inscrita por Janair. A carência humana, nessa perspectiva, “converte-se numa falta necessária que já nos une a Deus” (NUNES: 1989, p. 70). Nessa busca do ser, engendra-se um paradoxo, pois G.H. equipara a plenitude e a carência, o divino e o humano:

É quase impossível. É que no neutro do amor está uma alegria contínua, como um barulho de folhas ao vento. E eu cabia na nudez neutra da mulher na parede. O mesmo neutro, aquele que me havia possuído em pernicioso e ávida alegria, era esse mesmo neutro que eu agora ouvia outra espécie de alegria contínua de amor. O que é Deus estava mais no barulho neutro das folhas ao vento que na minha antiga prece humana.

A menos que eu pudesse fazer a prece verdadeira, e que aos outros e a mim mesma pareceria a cabala de uma magia negra, um murmúrio neutro.

Esse murmúrio, sem nenhum sentido humano, seria a minha identidade tocando na identidade das coisas. Sei que, em relação ao humano, essa prece neutra seria uma monstruosidade. Mas em relação ao que é Deus, seria: ser.

Eu fora obrigada a entrar no deserto para saber com horror que o deserto é vivo, para saber que uma barata é a vida. Havia recuado até saber que em mim a vida mais profunda é antes do humano – e para isso eu tivera a coragem diabólica de largar os sentimentos. Eu tivera que não dar valor humano à vida para poder entender a largueza, muito mais que humana, do Deus. Havia eu pedido a coisa mais perigosa e proibida? Arriscando a minha alma, teria eu ousadamente exigido ser Deus? (LISPECTOR: 1998, p. 134)

De forma imanentista, sem “a projeção da esperança que perfaz a temporalidade do cristão”, G.H. despoja-se de sua convencional “formação humana”. Motivada por “uma coragem diabólica de largar os sentimentos”, vivencia fortes sensações, sentimentos extremos e contraditórios, como a “alegria de perder-se” e o “horrível mal-estar feliz.”

Assim, enquanto na 1ª Carta aos Coríntios, São Paulo almeja o amor, através da fé e da esperança, para que se consolide a íntima união com Deus, o viver autêntico: “Agora vemos como em espelho e de maneira confusa; mas depois veremos face a face. Agora o meu conhecimento é limitado, mas depois conhecerei como sou conhecido” (I Cor 13: 12); na experiência de G.H., no entanto, “o amor já está, está sempre”, e “no neutro do amor” encontra uma “alegria contínua”.

Em cada estágio dessa experiência, iniciada com o estranhamento do quarto da empregada, G.H. reconhece, agonicamente, que “o mundo não é humano”, que “não somos humanos” e que sua alegria situava-se no “pólo oposto ao pólo do sentimento humano cristão”. O forçoso ato de matar e comer da massa branca do interior da barata realiza-se

ritualisticamente, visto que G.H. imerge num processo de metamorfose interior, numa corrosiva “despersonalização” e “deseroização.”

Assim, a desleitura parodística da escritura bíblica, como observa Olga de Sá (1988, p.221), configura-se como um paradoxo responsável por causar um efeito de perplexidade e estranhamento. Nesse processo de desapropriação, o indivíduo, a pessoa, o herói são revelados como ilusão ou convenção. A narrativa desenvolve, pois, incansáveis questionamentos sobre a possibilidade de uma outra ética, que, ao invés de representar com verossimilhança o real, desarticula o sistema de relações do qual vive G.H. e envereda por um processo de desnudamento das máscaras, como afirma Luís Costa Lima (1988, p.332):

O moralismo e a beleza, ao serem suspensos, deixaram desnuda a face da vida para G.H.. A sensação de inexpressividade a domina como uma falta. Sua vida carecia da violência de querer fortemente. Por esta razão ela se contentava em encarar o não-ser da negativa dos seus retratos.

Em *A paixão segundo G.H.*, podemos constatar, na gradual e penosa travessia, o esvaziamento da narrativa, que se autodilacera na medida em que se movimenta da palavra ao silêncio e do silêncio à palavra. Nessa problematizadora narrativa, o movimento cíclico da estruturação de seus capítulos possibilita-nos inferir uma interessante simbologia, uma vez que são, no total, 33 fragmentos, a convencional idade de Cristo.

Sob peculiar procedimento, a escritora utiliza-se da reiteração da frase que finaliza um capítulo no início do capítulo seguinte. Como o próprio Cristo, a escritura percorre uma “*via-crucis*”, porém imanentista, ela experiencia também a sua paixão. Cada seqüência, portanto, compõe o elo estrutural de adensamento da obra. A linguagem desvela-se, na medida em que G.H. se desvela, desencadeando-se no inexpressivo, no indizível, proporcionado pelo “fracasso da linguagem”.

Essa desleitura perfaz toda a narrativa, seja pela inversão de certas expressões bíblicas, seja pela apropriação e transformação de imagens freqüentes na Bíblia. No confronto com a tessitura bíblica, deparamo-nos com uma séria reflexão no processo de desleitura, pois não existe no texto nenhum elemento burlesco. Com efeito, entre tantos contrastes parodísticos, enquanto na Bíblia há o ensinamento: “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; e porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, poucos há que a encontrem” (Mt 7, 13-14); para G.H., a entrada para o quarto da ex-empregada Janair “só tinha uma passagem, e estreita: pela barata.” (LISPECTOR: 1998, p.59) Assim como ocorre com as passagens: “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue não tereis a vida em vós”, e ainda: “Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue tem a vida eterna” (Jô 6, 53-54). G.H., no entanto, comete o “ato ínfimo”, come da massa insípida, neutra, numa experiência de vômito e náusea:

Crispei minhas unhas na parede: eu sentia agora o nojento na minha boca, e então comecei a cuspir, a cuspir furiosamente aquele gosto de coisa alguma, gosto de um nada que no entanto me parecia quase adocicado como o de certas pétalas de flor, gosto de mim mesma – eu cuspia a mim mesma, sem chegar jamais ao ponto de sentir que enfim tivesse cuspido minha alma toda. “ – – – porque não és nem frio nem quente, porque és morno, eu te vomitarei da minha boca”, era Apocalipse segundo são João, e a frase que devia se referir a outras coisas das quais eu já não me lembrava mais, a frase me veio do fundo

da memória, servindo para o insípido do que eu comera – e eu cuspi.

O que era difícil: pois a coisa neutra é extremamente enérgica, eu cuspi e ela continuava eu (LISPECTOR:B1998, p. 166-167).

G.H. vivencia um fenômeno místico. A desleitura do rito da comunhão implica, pois, na opção de G.H. pela imanência e não pela transcendência. Os rituais, de G.H. e o do cristão, apresentam efeitos opostos, como observa Olga de Sá (1988, p. 221):

O cristão é assimilado pelo Corpo de Cristo e Nele se transforma. Se Ele é Deus, como disse, e como crê o cristianismo, transcende o homem. Portanto, pela manducação da hóstia, o cristão é alçado, na medida em que lha é permitido, à comunhão com Deus. Na experiência de G.H., a manducação da barata, protótipo da matéria-prima do mundo, produz pelo mesmo efeito de transformação, mas invertido, a redução da personalidade de G.H. ao nível da pura matéria viva. Há a “despersonalização”, isto é, G.H. se perde como pessoa, para alcançar-se como ser e encontrar sua identidade ao nível do puramente vivo.

Para G.H., “Deus já é.” G.H. redimensiona, com isso, sua maneira de relacionar-se com Deus, ao aproximá-lo de sua condição humana, conforme destaca “eu não quero o reino dos céus, eu não o quero, só agüento a sua promessa! A notícia que estou recebendo de mim mesma me soa cataclísmica, e de novo perto do demoníaco. Mas é só por medo. É medo. Pois prescindir da esperança significa que eu tenho que passar a viver, e não apenas me prometer a vida” (LISPECTOR: 1998, p.148). Há, com isso, uma nova forma de acreditar no divino; por conseguinte, G.H. anseia incessantemente a presença “do Deus”, não apenas pela promessa e esperança de um reino, pois “o Deus é hoje: seu reino já começou”.

Nessa “experiência-limite” vivenciada por G.H., o procedimento parodístico atinge fundamentos essenciais do mistério maior da fé cristã. O universo ficcional clariceano recria a escritura bíblica, ao apropriar-se de imagens e ritos, revertendo, porém, os seus efeitos. Assim acontece com a imagem do sal, pois enquanto Jesus prega, no “Sermão da Montanha”, que o seu discípulo deve ser “sal da terra” e “luz do mundo” (Mt 5, 13-16), cumprindo-lhe um testemunho autêntico, para, a partir deste, alcançar o Reino de Deus, a transcendência, G.H. almeja o contrário, o inosso, o “não-ser”, que, ao invés de ser jogado fora, como sugere o texto bíblico, representa, em seu itinerário místico, a imanência, o avesso, revelado através dos olhos da barata, nítida paródia da seguinte passagem: “e, se o sal for insípido, com que há de salgar? Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelo homens” (Mt 5,13).

A leitura do “Sermão da Montanha”, numa perspectiva imanentista, pode ser verificada, em *O lustre*, por meio da protagonista Virgínia e da personagem Miguel, o qual “costumava freqüentar ofícios protestantes” e que humildemente procurava o pastor, “com uma gravidade orgulhosa”. Essa orientação espiritual é desobedecida, visto que a transgressão se concebe por intermédio de uma leitura de teor existencial, no que concerne à experiência de Jesus, compartilhada por Virgínia e Miguel ao lerem a Bíblia:

Ele abriu no Sermão da Montanha, começou a ler em voz tosca e angulosa com hesitações preenchidas por vagos murmúrios profundos e como sonolentos pela dificuldade. Ao redor fazia silêncio; Virgínia apoiou a cabeça nas mãos sem esforço, com delicadeza. No terceiro

serão uma sinceridade cheia de esperança estabelecera-se entre eles e ela ouvia a leitura de lábios entreabertos como uma história. Num trecho Jesus sentia-se tocado pela doente e dizia-lhe: mas como perguntais quem vos tocou quando estais no meio de uma multidão que vos comprime? E ela respondeu: é que senti sair de mim uma força... Esse trecho passou a ser uma vida nova para ela, ela suspirava profundamente como uma impossibilidade; absorta. A cabeça inclinada, ela pensava. Ah, o desejo de ironia e bondade, como de viajar, que sentia; como sou franca! espantava-se então e banhava-se em desfalecida beatitude. Mas isso não era de meditar como Miguel exigia – na verdade ela não refletia e não tirava conclusões – pensava na história em si mesma, repetindo-se entre olhares, sombras, permissões e quedas. Vagamente imaginava assim: mas eu também... (LISPECTOR:1999, p.130-131).

A leitura da Bíblia, feita por Virgínia, desperta-lhe uma nova forma de enxergar a vida, com a qual Miguel, com certa relutância, concordava, uma vez que ambos sentiam “alguma semelhança de Jesus consigo mesmos” (LISPECTOR: 1999, p. 131). Assim, Virgínia lia como quem vivenciasse a experiência destacada no trecho da Bíblia, “com o desejo de ironia e bondade”, em “desfalecida beatitude”. Com surpresa e desgosto, porém, eles foram repreendidos pelo pastor, pela forma com que interpretavam as Sagradas Escrituras: “meu filho, falta religião a esta tua leitura... pelos comentários que vocês fazem e pelo modo como ouvem... é quase um sacrilégio ler a Bíblia assim... Lê-se com mais seriedade e meditação – insisto nesta palavra meditação. Vá, meu filho; a dificuldade vem do céu; volte e leia como quem estuda” (LISPECTOR: 1999, p. 131). O pastor sugere-lhe, com isso, uma doutrina para direcioná-los, uma “meditação”, em detrimento de uma leitura laica e imanentista.

Em *A paixão segundo G.H.*, podemos verificar uma apropriação de um dos versículos do “Sermão da Montanha”, desprovida da seriedade e meditação doutrinária exigidas pelo pastor que orientara Miguel e Virgínia, em *O lustre*: “bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o dilacerante reino da vida” (LISPECTOR: 1998, p.130). Nesse sentido, destaca-se que a “santidade humana é mais perigosa que a santidade divina” (LISPECTOR: 1998, p.130), no que diz respeito à provação, à experiência do amor, por meio da qual podemos inferir, na poética clariceana, uma reflexão acerca da condição humana em face de sua fragilidade e de sua finitude existencial.

O embate entre transcendência e imanência, entre “ser” e “não-ser” é, desta forma, uma epifania corrosiva, uma vez que, para G.H., “o Amor é a experiência de um desejo maior – é a experiência da lama e da degradação e da alegria maior” (LISPECTOR: 1998, p.133), haja vista que a personagem almeja a expressão do neutro, o insosso, percorrendo, pois, o avesso de sua “formação humana”, por intermédio da barata, “um ser feio e brilhante. A barata é pelo avesso”(LISPECTOR:1998, p. 77), revelação que lhe proporciona o medo “do silêncio com que a vida se faz”:

O medo que eu sempre tive do silêncio com que a vida se faz. Medo do neutro. O neutro era minha raiz mais profunda e mais viva – eu olhei a barata e sabia. Até o momento de ver a barata eu sempre havia chamado com algum nome o que eu estivesse vivendo, senão não me salvaria. Para escapar do neutro, eu há muito havia abandonado o ser pela persona, pela máscara humana. Ao me ter humanizado, eu me havia livrado do deserto. (LISPECTOR:1998, p. 92-93)

Ao vislumbrar o neutro, a autenticidade do ser, G.H. enfrenta a difícil tarefa de abandonar a máscara, sua formação humana anterior à revelação de sua experiência mística. Com isso, sofre com a renúncia de sua identidade pessoal, uma conversão radical, no limite oposto, por exemplo, à do apóstolo Paulo. Na “Carta aos Efésios”, São Paulo enfatiza a importância de que os convertidos se revistam de “toda armadura de Deus para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo” (Ef. 6,11). Esta armadura protegê-los-ia de sua fragilidade, constituindo-se da “couraça da justiça”, “tendo cingidos os lombos com a verdade”, “do escudo da fé”, “do capacete da salvação, e da espada do Espírito, que é a palavra de Deus”. O apóstolo constrói, com isso, uma identidade para o fiel, sedimentado por valores, que os estimulam a um solene ritual, bem como a uma corajosa missão “contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Ef.6,12). Não obstante, atravessando o oposto, G.H. envolve-se num processo de metamorfose interior, através da “despersonalização” e “deseroização” de si, que ocorre, segundo G.H.:

A despersonalização como a destituição do individual inútil – a perda de tudo que se possa perder e ainda assim ser. Pouco a pouco tirar de si com um esforço tão atento que não se sente dor, tirar de si, como quem se livra da própria pele, as características. Tudo que me caracteriza é o modo como sou mais facilmente visível aos outros e como termino sendo superficialmente reconhecida por mim. Assim como o momento que vi que a barata é a barata de todas as baratas, assim quero de mim mesma encontrar em mim a mulher de todas as mulheres. (LISPECTOR:1998, p.174)

A destituição do “individual inútil”, de sua máscara, implica na reconfiguração de valores por G.H., que, por conseguinte, proporciona uma ampliação de sua concepção de mundo por meio do despojamento de “toda armadura”, pois G.H. “tira de si, como quem se livra da própria pele”, empreendendo, dessa forma, uma busca instigante e penosa por desvelar a obscuridade que subjaz à máscara humana, os enigmas do ser. Logo, como enxergar a vida, uma verdade, após conhecer o que não se queria enxergar? G.H. reflete sobre essa questão ao olhar a barata:

Sentiria ela em si algo equivalente daquilo que meu olhar via nela? Até que ponto ela se aproveitava a si mesma e aproveitava do que era? (...) Que sabia eu daquilo que obviamente viam em mim? Como saberia se eu andava ou não com barriga encostada na poeira do chão. A verdade não tem testemunha? Ser é não saber? Se a pessoa olha e não vê, mesmo assim a verdade existe? A verdade que não se transmite nem para quem vê. Este é o segredo de se ser uma pessoa? (LISPECTOR:1998, p. 93)

Representar-se e representar o mundo sem a própria máscara é uma condição árdua, uma exposição da fragilidade humana. Portanto, ao “despersonalizar-se”, G.H. enfrenta, como observa Luís Costa Lima, uma “mística ao revés”. O procedimento da paródia atinge o extremo limite quando G.H. experimenta da massa branca do interior da barata, ritual análogo à comunhão dos cristãos. O fascínio e a repugnância pela barata consumam-se numa espécie de comunhão sacrílega e primitiva, G.H. redime-se na e com a própria coisa de que participa, como observa Benedito Nunes (1973, p. 65). Desta forma, a apropriação e

transformação da Escritura dos Evangelhos podem ser encontradas sob instigante questionamento existencial, com reflexões acerca da transcendência e da imanência, e sobre moralidade:

A moralidade. Seria simplório pensar que o problema moral em relação aos outros consiste em agir como se deveria agir, e o problema moral consigo mesmo é conseguir sentir o que se deveria sentir? Sou moral à medida que faço o que devo, e sinto como deveria? De repente a questão moral me parecia não apenas esmagadora, como extremamente mesquinha. O problema moral, para que nos ajustássemos a ele, deveria ser simultaneamente menos exigente e maior. Pois como ideal é ao mesmo tempo pequeno e inatingível. Pequeno, se se atinge; inatingível, porque nem ao menos se atinge. “O escândalo ainda é necessário, mas aí daquele por quem vem o escândalo” – era no Novo Testamento que estava dito? A solução tinha que ser secreta. A ética da moral é mantê-la em segredo. A liberdade é um segredo. (LISPECTOR: 1998, p.86-87)

A especulação reflexiva acerca da moral aproxima a paixão de G.H. ao filosófico, bem como constitui um aspecto importante da “Moral da Linguagem”, na poética clariceana. Nessa perspectiva, conforme Roland Barthes (2004, p.15), “a linguagem nunca é inocente: as palavras têm uma memória segunda que se prolonga misteriosamente no meio das significações novas”, assumindo, assim, esse compromisso entre uma liberdade e uma lembrança, cujo vestígio faz aparecer todo um passado em suspensão, fazendo aflorar a História de maneira muito mais sensível.

A fragmentária e múltipla narrativa de *A paixão segundo G.H.* corresponde bem à “crise dos fundamentos da vida humana”, resultante do catastrófico século XX, assim como se desprende desse contexto específico, ao lidar com os mistérios de nossa condição humana. Para Walter Benjamin, após os cataclísmicos acontecimentos das grandes guerras, contexto que Clarice Lispector vivenciou, ficamos mais pobres em experiências transmissíveis: “Abandonamos uma depois da outra as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’” (BENJAMIN:1994: p. 119).

Nesse sentido, a condição do romancista de “descrever a existência humana, levando o incomensurável ao paroxismo” (BENJAMIN: 1994, p.54), assemelha-se à condição de Clarice Lispector, na totalidade de seus romances, como *A paixão segundo G.H.*, que consideramos um ápice de escritura poética, experiências verificadas também em *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres* (1969), *Água viva* (1973), *A hora da estrela* (1977) e *Um sopro de vida* (1977), sob diferentes ângulos.

Verifica-se, pois, na poética clariceana, um estilo inconfundível de escrita, cuja fisionomia pode ser percebida pela forma com que a escritora apreende a perplexidade do contexto de “crise dos fundamentos da vida humana”, no “Breve século XX”, processo que resulta de sua formação literária e cultural, sobretudo no que concerne à apropriação e transformação de leituras realizadas por ela, e que se insinuam em *A paixão segundo G.H.*. Neste romance, a experiência-limite vivenciada pela protagonista, ao degustar da massa branca do interior da barata, possibilita-nos uma reflexão existencial, decorrente do abalo sofrido pela condição humana, nesse conturbado contexto, por intermédio de uma linguagem instigante, tecida de forma paradoxal e transgressora, no embate das convenções sociais e morais.

Sob o recurso estilístico da paródia, a paixão de G.H. e a paixão da narrativa

contrastam com a perspectiva transcendental da paixão de Cristo, uma vez que tanto G.H. quanto a narração percorrem um caminho penoso: G.H. enfrenta o desvelamento de sua máscara, após desiludir-se das convenções, antes aceitas como verdades inquestionáveis; enquanto que a narrativa, com o seu fracasso, desencadeia-se no “malogro da voz”, almejando o indizível. Logo, conforme a narradora, “a condição humana é a paixão de Cristo” (LISPECTOR: 1998, p. 175), em cujo itinerário místico, de “alegria difícil”, “a dor não é alguma coisa que nos acontece, mas o que somos” (LISPECTOR: 1998, p. 175).

Como uma perspectiva imanente da paixão, o livro de G.H. aponta-nos a nossa condição como a única possível, “já que ela é o que existe, e não outra” (LISPECTOR: 1998, p. 175). A escrita desta única paixão possível, a nossa condição, faz-se um rito em seu próprio sofrimento de fazer-se e desfazer-se; ritual da memória de nós, de quem somos.

Referências:

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita: seguido de novos ensaios críticos*. Trad. Mario Laranjeira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *O rumor da língua*. Trad. de António Gonçalves. Coleção Signos. Lisboa-Portugal. Edições 70, 1977.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas)*. Trad. Sergio Paulo Rouanet, 7ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

GOTLIB, Nádia Batella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

_____. “Um fio de voz: histórias de Clarice”. In: *Clarice Lispector. A paixão segundo G.H.. Edição Crítica*. Benedito Nunes (coord.). Paris – Association Archives de la Littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XX siècle, Brasília – CNPq, 1988.

HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita; Revisão técnica, Maria Célia Paoli, 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LIMA, Luis Costa. “A mística ao revés de Clarice Lispector”. In: *Clarice Lispector. A paixão segundo G.H.. Edição Crítica*. Benedito Nunes (coord.). Paris – Association Archives de la Littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XX siècle, Brasília – CNPq, 1988.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NUNES, Benedito. *Leitura de Clarice Lispector: o drama da linguagem*. São Paulo:Ed. Ática, 1989.

Anais do XIII
Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

08 a 12 de julho de 2013
UEPB – Campina Grande, PB

ISSN 2317-157X